

É sabido que, muito antes de ir naquele dia (o dia em que se realizou o sarau da princesa de Guermentes) fazer ao duque e à duquesa a visita que acabo de contar, havia eu espreitado o regresso deles e fizera, durante o meu tempo de vigia, uma descoberta que em especial respeitava ao senhor de Charlus, mas tão importante em si mesma que até agora, até ao momento de poder atribuir-lhe o lugar e a extensão desejáveis, adiei o respectivo relato. Como disse, tinha abandonado o maravilhoso posto de observação tão confortavelmente preparado no alto da casa, donde se abarcam as encostas acidentadas por onde se sobe até ao palacete de Bréquigny, alegremente decoradas à italiana pela torre cor-de-rosa da cocheira pertencente ao marquês de Frécourt. Achara mais prático, pensando que o duque e a duquesa estavam prestes a regressar, postar-me na escadaria. Sentia um pouco a falta do meu posto nas alturas. Mas àquela hora, que era depois do almoço, não tinha tanto a perder, porque não teria visto, como de manhã, os minúsculos personagens de quadros em que à distância se transformavam os criados do palacete de Bréquigny e de Tresmes fazendo a lenta ascensão da encosta abrupta, de espanador na mão, por entre as largas folhas de mica, transparentes, que tão graciosamente se destacavam dos contrafortes vermelhos. Não dispondo do olhar do geólogo, tinha pelo menos o do botânico, e observava pelas aberturas da escada o pequeno arbusto da duquesa e a planta preciosa, expostos no pátio com aquela insistência com que fazemos conviver os jovens em idade de casar, e perguntava a mim mesmo se o improvável insecto viria, por providencial acaso, visitar o pistilo oferecido e abandonado. Como a curiosidade me tornava um pouco mais atrevido, desci até à janela do rés-do-chão, que também estava aberta e cujas portadas não estavam fechadas de todo. Ouvia distintamente Jupien que se preparava para sair e que não podia

lobrigar-me atrás da minha cortina, onde me deixei ficar imóvel, até ao momento em que me afastei bruscamente para o lado com receio de ser visto pelo senhor de Charlus, que, a caminho da casa da senhora de Villeparisis, atravessava lentamente o pátio: a plena luz do dia mostrava-o a criar barriga, avelhentado, grisalho. Só por causa de uma indisposição da senhora de Villeparisis (consequência da doença do marquês de Fierbois, com quem ele estava mortalmente desavindo) é que o senhor de Charlus fazia uma visita àquela hora, talvez pela primeira vez na sua vida. Porque, com aquela singularidade dos Guermantes, que, em lugar de se adaptarem à vida mundana, a modificavam de acordo com os seus hábitos pessoais (não mundanos, julgavam eles, e por consequência dignos de que diante deles se calcasse aos pés uma coisa sem valor como a mundanidade — e era o caso da senhora de Marsantes, que não tinha dia, antes recebia as amigas todas as manhãs entre as dez horas e o meio-dia), o barão, como reservava esse tempo para a leitura, para procurar velhos bibelôs, etc, nunca fazia uma visita a não ser entre as quatro e as seis horas da tarde. Às seis horas ia ao Jockey ou ia passear ao Bois. Passado um instante, fiz um novo movimento de recuo para não ser visto por Jupien; aproximava-se a sua hora de sair para o escritório, donde só regressava para jantar, e isso nem sempre, desde que, havia uma semana, a sobrinha fora com as aprendizas para o campo, para acabar um vestido em casa de uma cliente. Verificando depois que ninguém me podia ver, resolvi não me incomodar mais, com receio de perder, se o milagre acontecesse, a chegada quase impossível (através de tantos obstáculos de distância, de riscos contrários, de perigos) do insecto de tão longe enviado em embaixada à virgem que havia tanto tempo prolongava a sua espera. Eu sabia que tal espera não era mais passiva que na flor macho, cujos estames se haviam espontaneamente virado para que o insecto a pudesse receber com mais facilidades; do mesmo modo, a flor fêmea, aqui, se o insecto viesse, haveria de arquear galantemente os seus «estiletos» e, para melhor ser por ele penetrada, faria de modo imperceptível, como uma adolescente hipócrita mas em brasa, metade do caminho. As leis do mundo vegetal são, também elas, governadas por leis cada vez mais altas. Se a visita de um insecto, isto é, a contribuição de uma semente de outra flor, é habitualmente necessária para fecundar uma flor, é porque a autofecundação, a fecundação da flor por si própria, tal como os casamentos repetidos numa mesma família, levaria à degenerescência e à esterilidade, ao passo que o cruzamento operado pelos insectos dá às gerações seguintes da mesma espécie um vigor desconhecido dos seus antepassados. Porém, esse

progresso pode ser excessivo, a espécie pode desenvolver-se desmesuradamente; e então, tal como uma antitoxina defende contra a doença, assim como a tiróide regula a nossa gordura, como a derrota vem castigar o orgulho, e o cansaço o prazer, e como o sono, por sua vez, repousa do cansaço, assim um acto excepcional de autofecundação vem no momento oportuno trazer o seu pequeno empurrão, ou a sua pequena travagem, devolve à norma a flor que dela se afastara exageradamente. As minhas reflexões tinham seguido por um caminho que mais tarde descreverei, e retirara já da aparente astúcia das flores uma consequência para toda uma parte inconsciente da obra literária, quando tornei a ver o senhor de Charlus, que saía de casa da marquesa. Só alguns minutos tinham passado desde que entrara. Talvez tivesse sabido directamente pela sua velha parente, ou apenas através de um criado, das grandes melhoras, ou até da cura completa, do que na senhora de Villeparisis não passara de uma indisposição. Naquele momento em que julgava não estar a ser observado por ninguém, de pálpebras cerradas contra o sol, o senhor de Charlus tinha descontraído no rosto aquela tensão, e amortecido aquela vitalidade artificial, que nele eram alimentadas pela animação da conversa e pela força da vontade. Pálido como um mármore, tinha o nariz forte, e os seus traços finos já não colhiam de um olhar intencional um significado diferente que lhes alterasse a beleza da modelação; nada mais que um Guermantes, parecia estar já esculpido, ele, Palamède XV, na capela de Combray. Mas esses traços gerais de toda uma família adquiriam, porém, no rosto do senhor de Charlus uma finura mais espiritualizada, e sobretudo mais doce. Eu lamentava por ele que adulterasse habitualmente com tantas violências, desagradáveis excentricidades, maledicências, dureza, susceptibilidade e arrogância, que ocultasse sob uma brutalidade postiça, a amenidade e a bondade que no momento em que saía de casa da senhora de Villeparisis eu lhe via tão ingenuamente estampadas no rosto. Piscando os olhos contra o sol, quase parecia sorrir, e achei que a sua cara, vista assim em repouso e como que ao natural, era qualquer coisa de tão afectuoso, de tão desarmado, que não pude deixar de pensar como o senhor de Charlus se zangaria se pudesse saber-se observado; porque aquilo em que me fazia pensar aquele homem, que era tão obcecado pela virilidade, e que dela fazia tanto alarde, para quem toda a gente era odiosamente efeminada, aquilo em que de repente me fazia pensar, tais eram as feições que dela momentaneamente possuía, tal a expressão, tal o sorriso, era numa mulher.

Eu ia mudar outra vez de posição para que ele não me pudesse ver, mas não tive tempo para isso, nem necessidade. Que vi eu? Frente

a frente, naquele pátio onde certamente nunca se haviam encontrado (pois o senhor de Charlus só vinha ao palacete dos Guermantes da parte da tarde, às horas em que Jupien estava no escritório), o barão, que de repente abrira bem os olhos semicerrados, observava com extraordinária atenção o antigo alfaiate de coletes à porta da sua loja, enquanto este, subitamente pregado ao chão diante do senhor de Charlus, enraizado como uma planta, contemplava com um ar maravilhado a corpulência do barão a caminho da velhice. Mas, coisa mais admirável ainda, quando a atitude do senhor de Charlus mudou, a de Jupien, como que obedecendo às leis de uma arte secreta, imediatamente se harmonizou com ela. O barão, que procurava agora dissipar a impressão que sentira, mas que, apesar da sua indiferença fingida, parecia afastar-se a contragosto, andava de um lado para o outro, com um olhar vago que, segundo pensava, lhe punha em maior evidência a beleza dos olhos, assumia uma atitude presumida, negligente, ridícula. Ora, Jupien, perdendo imediatamente o ar humilde e bom que eu sempre lhe conhecera, e em simetria perfeita com o barão, endireitara a cabeça, dava à sua figura um porte que a favorecia, colocava o punho na anca com uma impertinência quase grotesca, empinava o traseiro, adoptava posições com a mesma galanteria que uma orquídea teria com um be-souro que aparecesse providencialmente. Não sabia que ele podia ter um ar tão antipático. Mas ignorava também que era capaz de representar de improviso o seu papel naquela espécie de cena dos dois mudos, que (embora se achasse pela primeira vez na presença do senhor de Charlus) parecia ter sido bastante ensaiada: não se atinge espontaneamente aquela perfeição, a não ser quando se encontra no estrangeiro um compatriota, com quem então o entendimento se gera espontaneamente, visto que a linguagem é idêntica, embora os dois não se tenham visto nunca.

Esta cena, de resto, não era positivamente cómica, antes tinha a marca de uma singularidade ou, se quisermos, de uma naturalidade, cuja beleza ia crescendo. O senhor de Charlus, embora tomasse uma atitude desinteressada, baixando distraidamente as pálpebras, reabria-as por momentos e lançava então a Jupien um olhar atento. Mas (sem dúvida porque pensava que uma cena daquelas podia prolongar-se indefinidamente naquele lugar, quer por razões que mais tarde compreenderemos, quer, enfim, devido àquela sensação da brevidade de todas as coisas que faz com que se deseje acertar em cheio no alvo e que torna tão comovente o espectáculo de qualquer amor), sempre que o senhor de Charlus olhava para Jupien arranjava maneira de que

o seu olhar fosse acompanhado de uma palavra, o que o tornava infinitamente diferente dos olhares em regra dirigidos a uma pessoa que se conhece ou que não se conhece; olhava para Jupien com a fixidez própria de alguém que nos vai dizer: «Perdoe a minha indiscrição, mas o senhor tem uma grande linha branca presa às costas», ou então: «Não devo estar enganado, o senhor também deve ser de Zurique, parece-me que já o encontrei várias vezes na loja de antiguidades.» Era a mesma questão que parecia ser intensamente colocada a Jupien de dois em dois minutos no olhar do senhor de Charlus, tal e qual aquelas frases interrogativas de Beethoven, indefinidamente repetidas a intervalos regulares e destinadas — com uma abundância exagerada de preparações — a introduzir um novo motivo, uma mudança de tom, um «regresso». Mas, justamente, a beleza dos olhares do senhor de Charlus e de Jupien provinha, pelo contrário, do facto de, ao menos provisoriamente, esses olhares não parecerem ter o objectivo de conduzir a qualquer coisa. Essa beleza, era a primeira vez que eu a via manifestada pelo barão e por Jupien. Nos olhos de um e outro era o céu, não de Zurique, mas de uma qualquer cidade oriental cujo nome eu não adivinhara ainda, que acabava de erguer-se no horizonte. Fosse o que fosse que retinha o senhor de Charlus e o alfaiate de coletes, certo era que o acordo entre ambos parecia estar estabelecido, e que aqueles inúteis olhares eram apenas prelúdios rituais, semelhantes às festas que se celebram antes de um casamento decidido. Mais perto da natureza ainda — e a multiplicidade destas comparações é em si mesma tanto mais natural quanto é certo que um mesmo homem, se o examinarmos durante alguns minutos, parece sucessivamente um homem, um homem-pássaro ou um homem-insecto, etc. —, dir-se-iam dois pássaros, macho e fêmea, em que o macho procurava adiantar-se e a fêmea — Jupien — já não dava sinais de responder a esta manobra, mas olhava o seu novo amigo sem espanto, com uma fixidez desatenta, sem dúvida considerada mais perturbante e a única útil, uma vez que o macho dera os primeiros passos e se limitava a alisar as penas. Por fim, a indiferença de Jupien pareceu já não lhe bastar; entre aquela certeza de ter conquistado e o fazer-se perseguir e desejar era só um passo, e Jupien, decidindo-se a partir para o seu trabalho, saiu pelo portão. Porém, só depois de ter virado duas ou três vezes a cabeça é que saiu para a rua, para onde o barão, receando perder-lhe a pista (e assobiando com um ar fanfarrão, não sem gritar um «Até à vista» ao porteiro, que, meio embriagado e ocupado com uns convidados nos fundos da cozinha, nem sequer o ouviu), disparou vivamente no seu encalço. No preciso instante em que